

TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

VERDADEIRO OESTE

DE SAM SHEPARD ENCENAÇÃO RITA LELLO



Num *western indoor* cheio de humor e mordacidade, Shepard esconde o traço autobiográfico, desdobrando-se em dois irmãos antagonistas. Um irmão não sobreviverá sem o outro, pois são as duas faces da mesma moeda.

Sobreviventes desesperados numa sociedade agreste, cada um persegue como pode o Sonho Americano. Austin, resignado e subserviente, verga-se às normas de uma indústria voraz: Hollywood. Lee vive a ideia de uma liberdade sem lei, alimentada por ilegalidade e violência, herdeira do *Destino Manifesto* dos pioneiros na conquista hegemónica do Oeste.

Num universo familiar inóspito – tópico da dramaturgia de Shepard – domina a ausência: a ausência física do pai e a ausência emocional da mãe. E numa sociedade guiada por um Sistema Liberal em que prevalece a lei do mais forte, forma-se a tempestade perfeita para a violência que, a galope, avança, destruindo o que resta do mundo destes irmãos num combate singular.

“O SHEPARD NUNCA PERDE DE VISTA A COMÉDIA”

RITA LELLO
Entrevista por Sônia Castro

Esta não é a sua primeira incursão no universo de Sam Shepard. O que continua a atraí-la na escrita deste autor?

Atraem-me os universos que ele convoca e a justiça com que trata as personagens. Atrai-me o facto de, sem ser panfletário nem ideológico, o Shepard é social e coloca as questões do lado certo, de uma forma muito equilibrada, com os vários pontos de vista na balança, e o conflito dramático nasce dessa situação em que as personagens se encontram. E há o lado do humor, que é muito importante. O Shepard nunca perde de vista a comédia e isso é uma das coisas que eu também gosto muito. Gosto da sua escrita muito contemporânea, muito solta. Ele é, provavelmente, o dramaturgo, de que eu mais gosto.

Sendo a terceira vez que encena textos deste autor, sente que agora é mais fácil trabalhá-lo, uma vez que já o conhece melhor?

Não diria que é mais fácil. Penso que conheço o universo dele e consigo perceber o que ele pretende quando escreve determinada coisa. No entanto, as três peças que trabalhei não têm nada que ver umas com as outras, em termos de família teatral, digamos assim. E ele é gigante, é maravilhoso. Na primeira vez, foi tudo uma descoberta. Agora, não quer dizer que domine o autor, mas percebo a sensibilidade dele.

Além da encenação, foi também responsável pela tradução do texto. Que desafios encontrou ao transportar o humor e a oralidade de Sam Shepard para português?

Eu gosto de traduzir o texto. É uma forma de dar uso ao meu curso de Tradução e de poder ter mais agilidade depois na encenação, porque posso alterar à vontade escolhas de palavras, expressões para servir melhor o autor



e o espetáculo, e enriquecer o trabalho dos atores. À medida que o processo avança, vou afinando a tradução também com os atores. Com uma tradução de outra pessoa, isso seria mais delicado. A grande questão da tradução e do humor que o texto propõe é que nós usamos muito mais palavras para dizer a mesma coisa do que em inglês, o que é complicado quando se trata de criar as chamadas *punch lines*. O segredo é descobrirmos como se cria aquela graça em português. Não é encurtar nem ir atrás da *punch line* americana. É descobrir como funciona esta realidade com uma *punch line* portuguesa. Além disso, o Sam Shepard marca no texto as pausas que os atores devem fazer. Eu acredito que essas pausas devem ser respeitadas, porque o texto desenvolve-se a uma velocidade muito mais vertiginosa do que na vida real, sem que o público perca nada do

que está a ser dito. E essa rapidez induz a comédia e a surpresa.

Falando em comédia, Verdadeiro Oeste é frequentemente descrita como uma comédia negra. Como trabalhou o equilíbrio entre o humor corrosivo e a tensão latente que atravessa toda a peça?

É fundamental os atores estarem no presente. Isto é fundamental para todos os espetáculos, claro, mas neste tipo de teatro é absolutamente indispensável estarem em comunicação e a energia entre eles estar a fluir. E viverem as situações com verdade. Ao viver a situação com verdade, sem artifícios e no presente, a cena acontece. Naturalmente, há também uma gestão dos ritmos, da luz, da sonoplastia que ajuda a essa diferença dos tempos dos atores à medida que a peça vai ficando mais negra.

Ao lermos a sinopse, ficamos com a ideia de que Sam Shepard tem algo de si próprio nestes irmãos antagonistas. Reconhece-lhe essas características?

Totalmente, e ele diz isso na peça! Não quero revelar muito, mas ele não esconde esta ideia de que se dividiu nestas duas entidades, digamos assim. Eu acredito que ele tem um fascínio grande pela rebeldia e pela liberdade, e não tem o mesmo fascínio pelo seu eu, que acaba por ser mais convencional e

condicionado pelo sistema. E porquê? Porque o Shepard era um tipo muito pouco convencional e com uma grande atração pela rutura e pela disrupção. Ele tinha, de facto, essa dinâmica do *bad boy*, mas, profissionalmente, tinha também o outro lado, aquele que tem de obedecer aos estúdios, a normas, a prazos para cumprir. Ele pega nestas duas circunstâncias da sua vida e coloca-as na peça, e é do encontro dessas circunstâncias que nasce o conflito entre estes dois irmãos.





VERDADEIRO OESTE

SALA ESTÚDIO . 23 ABR A 7 JUN. QUA A DOM 19:00

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

De **Sam Shepard**

Tradução e encenação **Rita Lello**

Com **André Nunes, Heitor Lourenço, Martim Pedroso e Valerie Braddell**

Cenografia **Rita Lello**

Desenho de luz **Ricardo Campos**

Música original e sonoplastia **Carlos Morgado**

Vídeo **Rita Casaes**

Figurinos **João Telmo – Besta de Estilo**

Assistência de figurinos **Maria Ribeiro**

Caracterização **Noé**

Operação de som e luz **Rui Santos e Tatiana Damaya**

Fotografia cartaz **Pedro Macedo – Framed Photos**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Redes sociais **Mariana Franco**

Assistência de encenação e produção **Afonso Lourenço**

Direção de produção **Martim Pedroso**

Coprodução **Teatro da Trindade INATEL, Nova Companhia, Rita Lello, Lda e Ajagato**

Apoios **Fundo Cultural da Sociedade Portuguesa de Autores, Plural Entertainment**

Agradecimentos **António Soller Garcia, Beatriz Ferreira e Tomás Garcia, Fernando Ribeiro, Marina Albuquerque, Quinta da Figueira, Teatro A Barraca e Teatro Meridional - Natália Luiza**

CONVERSA COM O PÚBLICO . 10 MAI . APÓS O ESPETÁCULO



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito**

Secretariado da direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo**

Produção **Andreia Rocha e Maria Cancela** Comunicação **Adriano Filipe e Sónia Castro**

Núcleo de cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de cena **Pedro Viegas e Raquel Caetano**

Iluminação **Pedro Gonçalves** (Responsável) e **Alexandre Jerónimo Som Rui Santos** (Responsável) e

António Oliveira Palco **Joana Margarida, Tatiana Damaya e Tiago Areia** Receção/Bilheteira **Simão**

Mendes Manutenção geral **Vítor Albuquerque e Filipe Bastos** Técnicas de limpeza **Helena Gameiro**
(Encarregada), **Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus** Portaria/Vigilância **Carla Aniceto e Protecção Total**



www.teatrotrindade.inatel.pt



RIL



PARCEIROS TEATRO DA TRINDADE INATEL

fonte viva



O momento

telpark



Media Capital

Juntos, criamos o futuro

n.º 16

2026

© Pedro Macedo
Framed Photos